

Crise do soro antiofídico pode acabar ainda este ano

Bastado numa antiga pesquisa do Instituto Butantã, estima-se que 70 mil pessoas são picadas por cobra anualmente em todo o Brasil, embora dados oficiais do Sistema Nacional Tóxico-Farmacológico do Ministério da Saúde tenham registrado apenas 5 mil casos em 1985, com 14 óbitos. Apesar da disparidade das informações, existe a certeza de que a produção atual do soro antiofídico não é suficiente para atender às necessidades do país.

No ano passado, o país produziu menos de 120 mil ampolas do soro para uma necessidade, também estimada, de 350 mil. Mas, de acordo com o diretor do Butantã, Willy Becak, a auto-suficiência do produto poderá ser alcançada este ano. O Instituto produziu nos 4 primeiros meses deste ano 63 mil ampolas de soro, contra 90 mil em todo o ano passado, e acredita poder chegar ao final de 1986 com uma produção superior a 200 mil unidades.

Otimismo

O superintendente-geral da Fundação Ezequiel Dias do governo de Minas Gerais, Wilson Aguiñaldo de Pádua, também está otimista e diz que a produção deste ano será bem maior do que as 25 mil ampolas que produziu em 1985. Em 1987, a Fundação pretende produzir 150 mil ampolas do soro. Do tripé de entidades ligadas ao governo que produzem o soro, apenas o Instituto Vital Brazil, vinculado ao governo do Estado do Rio, não se junta ao coro dos otimistas.

O diretor-presidente do Instituto, Gilberto Soares, reclama que o congelamento dos preços determinado pelo plano econômico do governo federal pegou o Vital Brazil de calças curtas: "O soro antiofídico polivalente tem que ser comercializado a Cz\$ 22,79, quando o custo industrial para nós é de Cz\$ 162,67". Soares diz que a Sunab usou para o congelamento a tabela de 23 de dezembro de 1985 porque não houve produção de soro em 1986, com isso "o Vital Brazil vem sendo descapitalizado de forma violenta".

A crise na produção do soro antiofídico começou bem antes do congelamento, em 1984, quando a Fundação Instituto Oswaldo Cruz, encarregada pelo Ministério da Saúde de supervisionar o programa nacional de soros e vacinas contra picada de cobra, determinou o fechamento de toda a produção de imunobiológicos da empresa multinacional Syntex do Brasil S.A., que atendia a dois terços das necessidades do produto. O argumento para a decisão foi que os produtos da Syntex tinham potência inferior ao limite mínimo aceitável.

Situação grave

Em agosto de 1984, com um adiantamento em verba pelo Ministério da Saúde por conta de entregas futuras de soro, o Butantã, que é sustentado pelo governo de São Paulo, adquiriu equipamentos e instalações da Syntex. Contudo, no final do ano, em função do abandono físico das instalações do Butantã, despesas com contratação de mão-de-obra e orientação no sentido de privilegiar pesquisas de ponta, a produção de soro do Instituto paulista, que vinha caindo desde 1980, chegou a apenas 20 mil ampolas, menos da metade da produção de 1981 e menos de um quarto da produção de 1982.

Para agravar a situação, os equipamentos da Syntex comprados foram desmontados e levados ao Butantã sem que houvesse energia elétrica e capacidade de geração de vapor para alimentá-los. Quando os governos federal e estadual liberaram verbas de auxílio, a crise de soro já estava instalada. "Quando sentimos a impossibilidade de atender o país, solicitamos verbas para aumentar nossa produção", explica Alba Lavras, vice-diretora do Instituto Butantã. "Naquela época, o Butantã estava em crise provocada pelo descaso de sucessivos governos e necessitava de reformas, só iniciadas em setembro do ano passado e que deverão terminar até o final deste mês", diz Alba.

Iniciativas

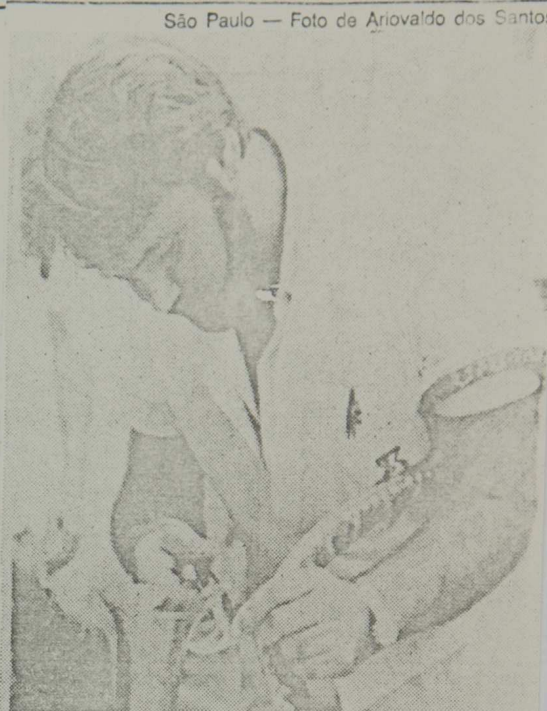
A crise provocou iniciativas isoladas em todo o país. Em Brasília, o governador José Aparecido pretende instalar um "Butantãzinho" e se dispôs a ceder à Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde, do Ministério da Saúde, uma fazenda para a criação de cavalos, fundamentais para a produção do soro. No Mato Grosso do Sul, o Centro de Informação Toxicológica do Estado tem um projeto para produzir soro que já recebeu o apoio entusiasmado de fazendeiros da região. Eles se comprometem a doar os cavalos e ceder o terreno para a implantação do projeto.

O Centro de Informações Toxicológicas do Paraná também pretende produzir seu próprio soro. "Temos Know-how, área para trabalhar, cavalos, pessoal preparado e equipamentos", explica a médica sanitária Maria de Lourdes Junça. Falta apenas o apoio do governo federal através da liberação de Cz\$ 980 mil. A crise estimulou também a iniciativa privada. O Laboratório Lema Biologic do Brasil, de Contagem, Minas, investiu Cz\$ 2 milhões com o objetivo de ampliar sua produção de soro antiofídico das atuais 6 mil ampolas/mês, para 30 mil/mês. O Lema é o único laboratório privado que produz o soro no Brasil.

Produção

A produção do soro, desde a inoculação do veneno em um cavalo, até a sua embalagem, demora seis meses. Primeiramente, o veneno retirado das cobras é inoculado nos cavalos em doses crescentes, por um período de 30 dias. Depois, faz-se uma sangria exploratória, para a medição do número de anticorpos produzidos pelo animal. A sangria final— 15 litros de sangue, em duas etapas, de um cavalo de 500 quilos — somente é realizada quando se consegue o nível de anticorpos desejado. Durante esse período, o cavalo é bem alimentado e, após a sangria, recebe uma transfusão de sangue para não ficar anêmico.

O soro é conseguido através da purificação e concentração do plasma (a parte líquida do sangue). Após essa etapa, o soro é submetido a quatro tipos de controle de qualidade para evitar contaminação. O Instituto Butantã tem 1 mil 200 cavalos na fazenda São Joaquim, em São Roque, a 60 quilômetros da capital paulista. A Fundação Ezequiel Dias tem uma manada de 200 cavalos na região metropolitana de Belo Horizonte.



Produção de soro no Butantã dobrou em 86